

Recebido em 19/09/2021 e aprovado em 02/02/2022

**Príncipe TONERI e Ō-no-Yassumaro.** Crônicas do Japão: Narrativas Históricas de um Japão Milenar. São Paulo: Sesc, Instituto Mojo, 2019.

Rômulo da Silva Ehalt<sup>1</sup>

Em 2019, a editora Estação Liberdade promoveu um encontro sobre tradução de literatura japonesa contemporânea. Com mais de uma centena de pessoas na plateia—quando tal número de aglomerados ainda era possível—a professora Lica Hashimoto (USP), a tradutora Rita Kohl, e o diretor da editora, Angel Bojadsen, discutiram questões como técnicas de tradução, a exotização da literatura japonesa e os caminhos abertos na academia pela maior publicação de obras literárias traduzidas do japonês para o português. Num dado momento, Lica Hashimoto lembrou ao público que, enquanto o nosso idioma como um todo conta com cerca de 750 obras japonesas traduzidas, a língua inglesa conta com 10 mil. Entre as obras traduzidas do japonês para o português, é inegável a predileção pela literatura contemporânea, talvez por motivos mercadológicos mas também pelo enorme desafio que representa a tradução de textos mais antigos.

Indo contra esta tendência, Lica Hashimoto apresentou ao público brasileiro, naquele mesmo ano, a primeira tradução parcial feita diretamente do japonês para o português de um texto fundamental para os estudantes de história antiga e literatura japonesas: *Crônicas do Japão (Príncipe Toneri e Ō-no-Yassumaro. Crônicas do Japão: Narrativas Históricas de um Japão Milenar. São Paulo: Sesc, Instituto Mojo, 2019)*. *Nihon shoki* 日本書紀, no título original, é uma coletânea de documentos oficiais, crenças populares e histórias orais. Completada no ano 720, seus trinta tomos narram desde a criação mitológica do arquipélago a fatos políticos ocorridos até o ano de 697<sup>2</sup>. É um dos textos mais antigos do Japão e, junto com o *Kojiki* 古事記 (712), é uma importante fonte para a história do leste asiático. O *Nihon shoki*, cujo título também pode ser lido como *Nippon shoki*, *Yamatobumi* ou *Yamatofumi*<sup>3</sup>, é a primeira das seis

histórias nacionais do Japão (rikkokushi 六国史, em japonês) escritas até o século X<sup>4</sup>. Contudo, ao contrário do Kojiki, as Crônicas não apresentam texto introdutório explicando a sua autoria ou o processo de compilação. É somente a partir da leitura de outra história oficial, Shoku Nihongi 続日本紀 (797), que sabemos o ano de conclusão e os nomes dos responsáveis pelas Crônicas: o príncipe Toneri 舍人親王 (676-735), filho do imperador Tenmu (?-686, reinou entre 673-686)<sup>5</sup>. Posteriormente, a historiografia adotou a tese de envolvimento de Ō no Yasumaro 太安万侶, burocrata também responsável pela compilação do Kojiki, na elaboração do Nihon shoki<sup>6</sup>.

Desta vez, Hashimoto escolheu traduzir apenas os dois primeiros dos trinta tomos da obra, a seção que em japonês é conhecida como Kami no Yonokami no Maki 神代卷. Em sua introdução, a tradutora explica esta decisão a partir da mudança radical no texto a partir do terceiro tomo, quando a narrativa mítica da fundação do Japão é deixada de lado para abordar biografias dos imperadores e acontecimentos históricos de seus reinados (p. ,9). Esta escolha adia um aprofundamento maior sobre o funcionamento da corte japonesa e a sua história durante os seus primeiros séculos, ainda que permita aos leitores focarem sua atenção na mitologia e nos seus diversos significados.

A publicação digital oferece ainda uma transcrição do texto original japonês destes primeiros dois tomos, permitindo a sua comparação com a versão em português. A tradução apresenta os nomes em japonês (com a leitura romanizada e em kanji) dos personagens e de objetos importantes da narrativa, o que ajuda o leitor e estudantes de japonês a melhor entender o próprio processo da tradução, além de servir de exemplo para aqueles que ambicionam dar continuidade a este tipo de trabalho no futuro. O texto em japonês apresenta também indicações sobre erros tipográficos da publicação originalmente utilizada como fonte, particularmente onde há algum kanji que o computador não consegue reproduzir. Por exemplo, na página 232, onde aparece o termo takunawa 栲繩, o texto explica que o primeiro ideograma deste termo aparece na edição utilizada originalmente como um kanji com o

radical de árvore (木) à esquerda e o ideograma 孝 à direita, mas com o radical 丁 ao invés de 子 na parte inferior.

A romanização utilizada para estes termos é, no entanto, confusa. Percebe-se o esforço da tradutora em facilitar a leitura de certas sílabas japonesas para leitores brasileiros, como por exemplo o uso de dois esses ("ss") para sílabas como sa さ, su す, se せ e so そ no meio de palavras. Esta escolha pode criar confusão em termos que apresentam o uso de sokuon っ antes das sílabas mencionadas, marca de consoantes geminadas. Percebe-se ainda a opção de se deixar de lado o uso de mácrons, comuns na romanização Hepburn. Como resultado temos, por exemplo, o nome da deusa Amaterasu Ōmikami 天照大神 sendo romanizado como Amaterassu-Oomikami (p. 39). Esta escolha torna-se problemática para alguns termos, como por exemplo em Hiko-Horro-Demi-no-Mikoto 彦火火出見尊 (p. 136), onde há o uso numa mesma palavra de dois tipos distintos de romanização: o "h" aspirado em hi ひ e ho ほ, e o uso de dois erres ("rr") para reproduzir o mesmo som de ho ほ no meio da palavra (Horro)<sup>7</sup>. Uma nota na introdução explicando a romanização Hepburn seria suficiente para que o leitor entendesse a leitura destes termos e assim evitar tais conflitos, permitindo a facilitação da identificação destes mesmos termos em outros textos.

Esta publicação sofre ainda com a ausência de uma lista das fontes e as ferramentas utilizadas para a tradução. Não há, por exemplo, indicação bibliográfica das obras e dicionários de apoio utilizados no trabalho, o que pode tornar mais difícil o uso do livro para aqueles interessados em aprender com este processo de tradução. Por exemplo, a tradutora explica na introdução que foi dada preferência a apenas algumas partes complementares mais representativas do texto original. De acordo com Hashimoto, a escolha foi embasada por "critérios acadêmicos referendados por especialistas" (p. 9-10), mas não é possível verificar quais seriam estes critérios. Outro problema que esta decisão acarreta é a impossibilidade de se precisar a fonte original utilizada tanto para a tradução como para o texto reproduzida nesta edição. Entre as possíveis fontes temos as edições

publicadas pela Keizai Zasshisha 経済雑誌社 (1917-1918) e as transcrições feitas por Uematsu Yasushi 植松安 e Kuroita Katsumi 黒板勝美 durante o século XX, todas acessíveis em formato digital através da página da Biblioteca Nacional da Dieta. Edições críticas do texto como as publicadas pelas editoras Iwanami Shoten 岩波書店 (1965-1967), Shōgakukan 小学館 (1994-1998) ou Chūō Kōron Shinsha 中央公論新社 (2003-2003), ou mesmo blogs como o site Nihon Shinwa, Jinja Matome 日本神話・神社まとめ poderiam ter sido utilizados (UEDA, 2015). Infelizmente, a ausência da lista de referências, talvez resultante de uma decisão editorial, impossibilita precisar a fonte do texto traduzido.

Apesar destas questões, acredito que a iniciativa da professora Lica Hashimoto merece todo o mérito. A tradução do Nihon shoki, bem como de outros textos clássicos do Japão, é um passo fundamental para a academia brasileira, especialmente se se leva em conta o impacto provocado no público. O aumento visível no número de não-descendentes de japoneses interessados não somente na literatura mas também na história, na sociologia, na arqueologia, no direito e demais áreas do estudo tendo o Japão como objeto é um exemplo claro da importância deste tipo de iniciativa. Sei que muitos, como eu, tiveram na leitura de traduções como esta o seu primeiro contato que permitiu aprofundar seu interesse pelo Japão. Pessoalmente, não teria estudado história do Japão se não fosse pelo trabalho da professora Leiko Gotoda e a publicação do romance histórico Musashi, de Yoshikawa Eiji 吉川英治, em 1998.

A publicação dos dois primeiros tomos desta crônica dá continuidade aos esforços empreendidos por docentes de letras (japoneses) em facilitar a familiarização do público com estes clássicos. Como bom exemplo deste processo tivemos em 2013 a publicação da excelente tradução d'O Livro do Travesseiro, de Sei Shōnagon 清少納言, realizada por uma equipe da qual fazia parte a professora Lica Hashimoto e que se tornou um marco inescapável do estudo da literatura japonesa no Brasil. É crucial que trabalhos de tradução como estes se fundamentem em critérios rigorosos para que assim a própria

área de estudos de Japão no Brasil, nas suas mais diversas facetas, se consolide ainda mais e continue a se renovar.

## REFERÊNCIAS

CHŪŌ Kōron Shinsha (Org.). **Nihon Shoki**, 3 Volumes. Tóquio: Chūō Kōron Shinsha, 2003-2004.

IWANAMI Shoten (Org.). **Nihon Koten Bungaku Taikei 67, 68**: Nihon Shoki. Tóquio: Iwanami Shoten, 1965-1967.

KUROITA Katsumi (Ed.). **Kundoku Nihon shoki**, 3 volumes. Tóquio: Iwanami Shoten, 1928-1943.

SAKAMOTO Tarō. **Sakamoto Tarō Chosakushū Dai 2 Kan**: Kojiki to Nihon Shoki. Tokyo: Yoshikawa Kōbunkan, 2013.

SEI Shōnagon, **O Livro do Travesseiro**. São Paulo: Editora 34, 2013.

SHŌGAKUKAN (Org.). **Shinhen Nihon Koten Bungaku Zenshū 2, 3, 4**: Nihon Shoki. Tóquio: Shōgakukan, 1994-1998.

UEDA Hoshiimama, **Nihon Shinwa, Jinja Matome**, 2015. Kojiki (Gendaigo, Kōgoyaku no Zenbun). Disponível em: <<https://nihonsinwa.com>>. Acesso em 11 fev. 2022.

UEMATSU Yasushi, **Kana Nihon shoki**, 2 volumes. Tóquio: Daidōkan Shoten, 1920.

YOSHIKAWA Eiji, **Musashi**, 2 volumes. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

## NOTAS

1. Mestre e doutor pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, é atualmente pesquisador do Instituto Max Planck para a História e Teoria do Direito (Alemanha). E-mail: ehalt@ihlt.mpg.de
2. É de amplo conhecimento que originalmente havia mais um tomo de genealogias, mas nenhum exemplar deste último volume sobreviveu até os dias atuais.
3. Não há evidências concretas que permitam definir qual seria a leitura correta em japonês do título das Crônicas, sendo as leituras Yamatobumi e Yamatofumi sugestões de edições muito posteriores, como na edição de 1610, hoje digitalizada e disponível em <https://dl.ndl.go.jp/info:ndljp/pid/2544340>
4. Há registros de pelo menos outras duas crônicas oficiais, Tennōki 天皇記 e Kokki 国記, ambas concluídas no ano 620. No entanto, não existem cópias sobreviventes.
5. O reinado do imperador Tenmu 天武 é abordado nos tomos 28 e 29 do texto original das Crônicas.

6. É importante deixar claro que a autoria de Ō no Yasumaru é deduzida, e não confirmada. Esta interpretação, hoje hegemônica, se deve a um artigo de 1951 do historiador Sakamoto Tarō (1901-1987), hoje incluído no segundo volume das suas obras completas (Sakamoto Tarō. Sakamoto Tarō Chosakushū Dai 2 Kan: Kojiki to Nihon Shoki. Tokyo: Yoshikawa Kōbunkan, 2013).
7. Na romanização Hepburn, o nome da divindade seria transcrito Hikohohodemi no Mikoto, figura importante por tratar-se do avô do primeiro imperador do Japão, o mítico Jinmu 神武.